

SUICÍDIO ENTRE JOVENS E O MUNDO DIGITAL: A POTENCIALIDADE DOS AVANÇOS TECNOLÓGICOS

YOUTH SUICIDE AND THE DIGITAL WORLD: THE POTENTIALITY OF TECHNOLOGICAL ADVANCES

*Camila Penaforte

Recebido em: 23/12/2019

Aceito em: 12/05/2020

Resumo

O presente trabalho visa abordar os avanços tecnológicos e suas potencialidades, tanto positivas quanto negativas, sobre o suicídio entre jovens no Brasil. Desde a década de 1980, a taxa de suicídios na faixa etária de 15 a 29 anos tem crescido exponencialmente no país, e embora não possamos dizer que o mundo digital tenha relação direta com a morte autoinfligida nesta população, seria um erro nem ao menos considerar suas potencialidades sobre o fenômeno. O advento da internet e, posteriormente, das redes sociais, influenciou e influencia fortemente o modo como se dão as relações interpessoais atualmente, provocando certo afrouxamento das relações sociais. Nesse ínterim, o mundo virtual pode funcionar como válvula de escape das adversidades encontradas no mundo real, entretanto, a falta ou a pouca regulação sobre ele, permite que jovens que já se encontram em uma situação de vulnerabilidade possam seguir caminhos dos quais não conseguirão sair depois, podendo mesmo serem influenciados ou incentivados ao suicídio.

Palavras-chave: Internet; Jovens; Suicídio; Relações sociais; Morte autoinfligida.

Abstract

This paper aims to address technological advances and their potential, both positive and negative, about suicide among young people in Brazil. Since the 1980s, the rate of suicides in the 15-29 age group has grown exponentially in the country, and although we cannot say that the digital world is directly related to self-inflicted death in this population, it would be a mistake not even to consider it their potentialities on the phenomenon. The advent of the internet and, later, social networks, influenced and strongly influences the way interpersonal relations occur today, causing some loosening of social relations. In the meantime, the virtual world may act as a way to overcome real-world adversity, but the lack or little regulation of it allows young people already in a vulnerable situation to follow paths they won't be able to leave later, and may even be influenced or encouraged to commit suicide..

Key Words: Internet; Young; Suicide; Social relationships; Self-inflicted death.

1 Introdução

Desde os tempos mais remotos, o suicídio parece sempre ter sido uma questão para a humanidade, gerando tanto posições favoráveis quanto contrárias. De acordo com o filósofo Albert Camus, em seu ensaio O Mito de

Sísifo (1941), só há um problema verdadeiramente sério: o suicídio.

A relação do homem com a morte autoinfligida tem mudado ao longo da história. Entre os gregos antigos,

havia aqueles para os quais o suicídio estava relacionado ao valor supremo da liberdade, onde o indivíduo poderia decidir sobre sua vida ou morte, pois a vida só merecia ser vivida enquanto fosse um bem que proporcionasse mais prazeres do que males. Era considerado “loucura” insistir em uma vida que só trouxesse desprazeres. Por outro lado, os pitagóricos eram contrários ao suicídio, pois acreditavam que a vida deveria ser vivida até o fim para que a alma pudesse ser expiada, já que o corpo é oriundo do “pecado original” (SILVA, 2009).

Os antigos romanos, de forma geral, apresentavam uma visão mais favorável sobre a morte voluntária, embora houvesse divergências de um período a outro, de acordo com categorias sócio-políticas. Assim sendo, escravos e soldados eram proibidos de cometer suicídio. Os primeiros eram considerados “propriedade privada”, e os segundos estavam passíveis à sanções pelo exército caso sobrevivessem (ibidem).

Segundo SILVA (2009), a partir do século IV, A Igreja e o Direito Civil agiram conjuntamente a fim de tomar medidas práticas para impedir a morte voluntária, que consistiam em confisco de bens, revalorização do casamento, condenação à formas de contracepção e proibição do infanticídio, criando uma moral que fez do ato [o suicídio] um crime contra deus, contra a natureza e contra a sociedade.

Para a Igreja só havia dois motivos para que alguém cometesse tal ato: loucura ou possessão. No primeiro caso, o indivíduo era absolvido e sua família destituída de qualquer culpa. No segundo caso, ao desprezar as autoridades eclesiásticas rejeitando a penitência, o sujeito só poderia estar possuído pelo diabo. Em um momento

que a prática da confissão individual era exigida pela Igreja, a pessoa que se matava não merecia perdão, pois ao negar a confissão, negava também o perdão dos pecados e a reconciliação com deus (ibidem).

A partir do século XVIII o debate se torna público graças aos escritos de filósofos no período do Iluminismo. Passa-se então a notar um recuo na condenação à morte voluntária. Na França e Inglaterra, por exemplo, a prioridade passa a ser a discrição. A partir do século XIX, a explicação filosófica-moral-religiosa vai cedendo espaço a uma explicação social e científica, cada vez mais pautada em uma individualização dos casos (ibidem).

Partindo desse contexto de individualização dos casos de suicídio, o presente trabalho tem cunho ensaístico e abordagem exploratória, e visa discutir a questão do suicídio entre jovens, mais especificamente entre 15 e 29 anos, seguindo a classificação da Organização Mundial da Saúde (OMS)[1], considerando-se os avanços tecnológicos que tem tanto seu lado positivo quanto negativo. O suicídio é um fenômeno complexo e multicausal, e o mundo ainda desconhecido da internet e suas potencialidades é cheio de “armadilhas”, com as quais é preciso ter cuidado.

Em uma cartilha preparada para professores e educadores[2], a OMS (2000), esclarece que a ideação suicida entre jovens não é anormal, pois nessa fase os mesmos enfrentam várias crises existenciais decorrentes da passagem da infância para a adolescência, pelas quais perpassam o significado da morte. Entretanto, não é normal enxergar a morte como a única solução para os problemas. Nesse ínterim, certos espaços e conteúdos produzidos nas redes on-line constituem-se como potencializadores ou gatilhos para o suicídio entre jovens, como no caso do

jogo Baleia Azul, em 2017.

Os jovens de hoje podem ser considerados “nativos digitais” por pertencerem a uma geração fortemente conectada às mídias sociais, mais do que a geração de seus pais e avós. Muitas de suas interações com outras pessoas se dão de forma on-line, o que representa tanto uma praticidade proporcionada pela revolução tecnológica, mas também, de certo modo, um afrouxamento das relações sociais através do tempo e do espaço.

Logo, o objetivo do trabalho é discorrer sobre a ocorrência de suicídio entre jovens e sua relação com os avanços tecnológicos, tendo em mente que esta não é a causa, mas está inserida no contexto mais amplo de vivência destes, sendo mais um dos componentes para ajudar a compreender o fenômeno do suicídio nessa faixa etária de 15 a 29 anos.

2 Metodologia

Este ensaio foi desenvolvido como trabalho final para a disciplina Perspectivas antropológicas sobre o suicídio, ministrada pela Professora Karenina Vieira Andrade, do Departamento de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Desse modo, a bibliografia usada para o desenvolvimento deste trabalho foi a disponibilizada na ementa da disciplina, e também outros textos para complementação procurados de forma aleatória, pela presente autora, na plataforma de buscas online Google Scholar, mediante palavras-chave como “suicídio entre jovens”, “suicídio e internet”, “suicídio e mundo digital”.

3 Suicídio entre jovens

Segundo KUCZYNSKI (2014), a ideia de que a morte também pertence ao imaginário de uma criança e que pode ser uma escolha racional feita por ela, é quase inimaginável entre os adultos, o que impede que seja dada a atenção necessária à questão.

O manual de prevenção ao suicídio para professores e educadores, organizado pela Organização Mundial da Saúde (2000), aponta que o pensamento suicida entre jovens não é anormal. O anormal é quando o suicídio parece se tornar a única solução para os problemas enfrentados.

Os principais fatores de risco listados pelo manual são transtornos psiquiátricos como: depressão, transtornos de ansiedade, abuso de drogas lícitas e ilícitas, transtornos alimentares, e transtornos psicóticos, tais como esquizofrenia e bipolaridade. O manual ainda destaca que fatores sociais, culturais, econômicos e políticos podem ter pesos diferentes em contextos diferentes. LEMOS e SALLES (2015) também ressaltam a relevância desses fatores, pois eles interferem nos contextos de desenvolvimento dos jovens, como as relações parentais, escolares e comunitárias.

As autoras também falam sobre como é importante desconstruir a ideia de que mesmo crianças - em faixa etária inferior à abordada neste ensaio - não cometem ou não pensam em suicídio, destacando “problemas acadêmicos, uso abusivo de álcool e outras drogas, pobre acesso a tratamentos específicos e fácil acesso a meios letais, eventos traumáticos, maus-tratos, carência de afeto e de segurança, entre outros”, como fatores de risco para o suicídio na infância (LEMOS E SALLES, 2015 apud PALACIOS-ESPINOZA et al., 2007).

Também é importante salientar que o tratamento

destinado à crianças em sofrimento psíquico é ainda muito atrelado à correção de “comportamentos disfuncionais” ou à intensa medicalização, o que representa uma herança da própria história de cuidados dispensados à elas (LEMOS e SALLES apud GUARIDO, 2007).

O jogo Baleia Azul, que ganhou ampla repercussão no Brasil em 2017, trouxe à tona a necessidade de se discutir sobre o suicídio entre os jovens brasileiros. Embora o jogo e também a série 13 Reasons Why, lançada no mesmo período, tenham chamado a atenção para o tema, o suicídio entre os jovens brasileiros já apresentava um crescimento expressivo bem antes dessa data. De acordo com a Organização Mundial da Saúde, entre a população de 15 e 29 anos, considerando o período histórico de 1980 até 2014, a taxa de suicídios cresceu cerca de 30%[3].

A psiquiatra da infância e da adolescência, Sheila Cavalcante Caetano, afirma que existem vários fatores associados a esse crescimento, dentre eles: uma maior facilidade de acesso a drogas (lícitas e ilícitas), um estilo de vida mais agitado e com menos horas de sono, e também os jovens estão se dedicando cada vez mais a atividades solitárias como o videogame, o que diminui os laços sociais e afetivos destes indivíduos com outras pessoas[4].

VIEIRA, FREITAS, PORDEUS et al. (2009), apontam a fragilidade dos vínculos sociais, conjugais e também da estrutura familiar dos jovens como fatores de influência para o suicídio entre os mesmos, bem como o sofrimento psíquico.

De acordo com LEMOS e SALLES (2015, p. 40), o termo sofrimento psíquico tem sido usado por permitir uma ampliação da compreensão do adoecimento entre jovens, proporcionando que novas análises possam ser

pensadas:

[...] o termo tem sido usado em detrimento das classificações nosológicas clássicas, como o autismo, a psicose, a perversão ou neurose, que pouco tem oferecido para a compreensão da diversidade de formas de existência e mesmo de sintomas que se tem percebido atualmente.

Segundo KUCZYNSKI (2014), mesmo que esses jovens não estejam desejando explicitamente a morte, o envolvimento em atos com elevados graus de risco à sua integridade física se constituem como atividades “parassuicidas”, ou seja, “atos deliberados que mimetizam o suicídio, mas não resultam em desenlace fatal, independentemente da gravidade médica ou intencionalidade psicológica” (ibidem, p. 249). Tais condutas parassuicidas, de acordo com KUCZYNSKI, estão aliadas à desvalorização da vida seja por transtornos do humor e/ou por falta de perspectivas quanto ao futuro.

Segundo BOTEAGA, WERLANG, CAIS et al. (2006), o sentimento de pertença, seja à uma comunidade, grupo religioso ou étnico, etc, é muito importante como fator de prevenção ao suicídio, pois há uma correlação entre o fenômeno da morte autoinfligida com sentimentos de solidão e desesperança.

Ainda segundo os autores, para a prevenção do suicídio, faz-se necessário o reforço dos fatores protetores e a diminuição dos fatores de risco. “Entre os primeiros podemos citar bons vínculos afetivos, sensação de estar integrado a um grupo ou comunidade, religiosidade, estar casado ou com companheiro fixo, ter filhos pequenos” (BOTEAGA, WERLANG, CAIS et al., 2006 apud SOUMINEM et al., 2004).

De acordo com a escritora, repórter e documentarista Eliane Brum (2018)[5], apesar de cada caso ter suas especificidades, esses jovens estão inseridos em um mesmo contexto histórico e social mais amplo, cujas perspectivas para o futuro, sejam econômicas, políticas ou ambientais, não se apresentam como as melhores.

Além do mais, segundo Brum, estes jovens vivem sob o “imperativo da felicidade”, presos a uma realidade virtual que oferece uma falsa imagem de “vida perfeita”, onde todos(as) parecem estar felizes o tempo todo. Essa realidade não oferece espaços para que angústias, tristezas ou outros “problemas” sejam expostos. Os jovens estão cada vez mais conectados ao mesmo tempo em que parecem, também, estarem cada vez mais isolados. O mundo cobra desses indivíduos que sejam fortes e valentes, mas não os ensina a lidar com as perdas e derrotas, que são umas das certezas da vida.

3.1 Suicídio e Mundo Digital

OLIVEIRA e SILVA (2015) expõem que a partir do fim da década de 1980, quando a tecnologia da internet deixou de ser de interesse exclusivamente militar[6], e mais especificamente a partir de 1993, com a disseminação de seu acesso pelo mundo, rapidamente começaram a surgir redes sociais virtuais, como o facebook, que são utilizadas tanto como ferramentas de trabalho como para formação e manutenção de relações sociais, em tempo imediato. A pouca regulação sobre o ambiente virtual e a possibilidade de anonimato proporcionam um espaço ideal para ações consideradas ilegais, inclusive o induzimento e instigação ao suicídio, que se constituem como condutas passíveis de pena, de acordo com o artigo 122 do Código Penal

Brasileiro[7].

Embora não possamos afirmar com certeza que a rede mundial de computadores tenha ligação direta com o aumento da taxa de suicídios entre os jovens no Brasil, seria omissivo nem ao menos considerar o seu impacto sobre esse aumento.

Segundo JÚNIOR e LIMA (2017), a internet pode funcionar como um gatilho para o ato suicida em casos de vazamentos de fotos e vídeos íntimos, sem o consentimento da pessoa. E também em casos de cyberbullying, um dos principais potencializadores no mundo digital (OLIVEIRA e SILVA, 2015, p. 575 apud SILVA, 2010, p. 187).

JÚNIOR e LIMA ressaltam ainda que, além dos exemplos supracitados, a área de alcance proporcionada pela internet é tão ampla que uma simples busca no google com os dizeres “como faço para me matar”, por exemplo, oferece ampla gama de sites e fóruns voltados a tal finalidade.

Contudo, isso não implica que qualquer jovem que inserir tais termos, ou outros semelhantes, em sites de busca vai, necessariamente, tirar a própria vida, a não ser que já esteja propenso a fazê-lo. Muitas vezes as redes sociais on-line acabam por substituir espaços de interação social reais, que a depender do modo como são mobilizados podem tanto induzir e instigar o suicídio quanto fazer com que a pessoa mude de ideia.

De acordo com ABREU e SOUZA (2017), os conteúdos sobre suicídio na internet estão cada vez mais ligados ao público jovem, justamente por esses sujeitos serem considerados nativos digitais, ou seja, terem muito conhecimento sobre as ferramentas digitais, além de permanecerem muito tempo nas redes on-line[8]. Ainda

segundo os autores:

É por meio da internet que adolescentes praticam e são vítimas de agressões e/ou exposições, que são fortes causas de isolamento social e depressão, ou ainda buscam informações sobre a prática do suicídio ou ajuda emocional nos momentos de ideação suicida como tentativa de sair desse quadro (ibidem, p. 167).

Os autores também falam sobre como as relações sociais e interpessoais são fortemente impactadas pelos avanços das mídias virtuais. As potencialidades da internet podem afetar as relações entre as pessoas de modo positivo, mas também negativo.

Sentimentos de desesperança, depressão e ideação suicida podem surgir associados a fatores sociais externos ou internos (tais como fatores fisiológicos de ordem hormonal ou psicológicos) quando seus círculos sociais e sua rede de apoio estão desfalcados. É nesse momento que a internet atua como uma janela para outro mundo, onde as informações surgem de todos os lados, sem filtro qualitativo, e são facilmente tomadas como verdades por esses adolescentes (ibidem, p. 170).

Assim, o mundo digital oferece toda uma gama de suportes para esses jovens, sejam eles de incentivo ao suicídio ou de ajuda e aconselhamento para que mudem de ideia.

4 Considerações Finais

Como vimos, a ideia de que crianças podem eventualmente pensar em suicídio é, ainda hoje, quase inconcebível entre os adultos, mesmo quando estudos, como o manual realizado pela OMS, mostrem que isso

não é anormal. No entanto, quando elas optam pela morte voluntária e sobrevivem, são frequentemente tratadas como se possuíssem algum transtorno mental e, nestes casos, o tratamento costuma ser a base de altas doses de medicamentos que, por si só, não são suficientes como solução. Como já dito, o suicídio é um fenômeno complexo, logo, o tratamento e acompanhamento dos que sobrevivem não se reduz a um único meio.

O modo como os jovens são tratados historicamente os coloca como seres incapazes, ainda em formação, logo têm de ser protegidos das maldades mundanas até que atinjam a idade a partir da qual poderão se defender sozinhos. No entanto, essa proteção exacerbada pode deixá-los despreparados e sem saber como lidar com as decepções inevitáveis da vida, desde os problemas considerados mais corriqueiros até outros mais complexos.

Além do mais, atualmente as famílias optam cada vez mais por um número reduzido de filhos, e muitas vezes seus cuidados são delegados a terceiros, pois os pais estão ocupados no trabalho. A ausência ou frouxidão dos laços afetivos, que reduz e por vezes elimina a rede de apoio mais imediata desses jovens, faz com que muitos deles se voltem para as redes sociais on-line em busca de pessoas com quem podem ter relações amorosas e/ou de amizade, e é nesse espaço que pode residir o perigo.

Ao se sentirem desamparados, a internet pode ser ao mesmo tempo uma forte fonte de apoio para os jovens, como também pode levá-los a caminhos obscuros sobre os quais não possuem muito controle. E no caso daqueles que já possuem ideação suicida, é fácil encontrar na internet grupos de conversas e fóruns on-line com pessoas dispostas a ajudá-los a seguir em frente com a decisão de

tirar a própria vida.

Ademais, estamos em uma era onde questões políticas, sociais e ambientais afetam fortemente a vida desses jovens, que muitas vezes passam a não ter esperanças e perspectivas de um futuro melhor. Nesse contexto, assim como ressaltado por Brum (2018), o que assusta nem é pensar que a taxa de suicídio entre jovens tenha crescido consideravelmente ao longo dos anos, mas sim pensar por que ela não cresceria, considerando o modo de vida ao longo desses mesmos anos.

Nesse sentido, a internet surge como uma válvula de escape para outro mundo, mundo esse ainda desconhecido e com potencialidades e atores os mais diversos, que podem agir tanto positivamente quanto negativamente sobre os jovens. Dada a área de alcance e o envolvimento dos jovens com a internet, suas potencialidades podem e devem ser usadas como rede de apoio a esses sujeitos em sofrimento. Dessa forma, longe de pretender esgotar o assunto ou propor uma solução única, uma maior regulação sobre o mundo virtual se faz necessária, uma vez que o seu impacto sobre esses jovens e, conseqüentemente, sobre suas famílias e pessoas próximas, pode ser devastador e sem reversão.

NOTAS

* Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

[1] Fonte: Folha informativa - Suicídio. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5671:folha-informatia-suicidio&Itemid=839>. Acesso em 28 de maio de 2020.

[2] Disponível em: <https://www.who.int/mental_health/

[prevention/suicide/en/suicideprev_educ_port.pdf](https://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_educ_port.pdf)>. Acesso em 3 de dezembro de 2019.

[3] Fonte: Crescimento constante: taxa de suicídio entre jovens sobe de 10% desde 2002. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-39672513>>. Acesso em 12 de novembro de 2019.

[4] Fonte: Baleia azul: o misterioso jogo que escancarou o tabu do suicídio juvenil. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/27/politica/1493305523_711865.html>. Acesso em 12 de novembro de 2019.

[5] Fonte: O suicídio dos que não viram adultos nesse mundo corroído. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/18/opinion/1529328111_109277.html>. Acesso em 14 de novembro de 2019.

[6] A internet nasceu nos Estados Unidos e, durante a Guerra Fria, foi usada como instrumento de estratégia militar (OLIVEIRA e SILVA, 2015).

[7] Fonte: Jusbrasil. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10625219/artigo-122-do-decreto-lei-n-2848-de-07-de-dezembro-de-1940>>. Acesso em 02 de dezembro de 2019.

[8] Segundo a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), adolescentes que ficam mais de cinco horas em redes sociais e na internet têm 10 vezes mais chances de cometer suicídio. Disponível em: <<http://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento/download/e4032f2a-e82d-4ff2-8ff9-c17034551ef3>>. Acesso em 18 de novembro de 2019.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Thales de Oliveira; SOUZA, Marjane Bernardy. A influência da internet nos adolescentes com ações suicidas. Revista Sociais & Humanas, Santa Maria, v. 30, n. 1,

p. 158-173, 2017.

BOTEGA, WERLANG, CAIS et al.. Prevenção do comportamento suicida. *Psico*, Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 213-220, 2006.

JUNIOR, Irineu Francisco Barreto; LIMA, Marco Antonio. Suicídio e o jogo da baleia azul analisados na perspectiva de Émile Durkheim. *Revista de Sociologia, Antropologia e Cultura Jurídica*, Brasília, v. 3, n. 1, p. 121-136, 2017.

KUCZINSKY, Evelyn. Suicídio na infância e na adolescência. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 25, n. 3 p. 246-253, 2014.

LEMOS, Milena Fiorim de Lima; SALLES, Andréia Mansk Boone. Algumas reflexões em torno do suicídio de crianças. *Revista de Psicologia da UNESP*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 38-42, 2015.

OLIVEIRA, Diego Bianchi de; SILVA, Ricardo Guilherme Silveira Corrêa. O viés digital do suicídio. In: CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI – UFMG/FUMEC/ DOM HELDER CÂMARA, 24., 2015, Belo Horizonte. *Anais [...]*. Belo Horizonte: CONPEDI, 2015. p. 563-581.

SILVA, Maria do Carmo Mendonça. Renúncia à vida pela morte voluntária – o suicídio aos olhos da imprensa no Recife dos anos 1950. Recife, 2009. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal de Pernambuco.

VIEIRA, FREITAS, PORDEUS et al.. Amor não correspondido: discursos de adolescentes que tentaram o suicídio. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 5, p. 1825-1834, 2009.